



A VOZ DA ERMIDA

Complexo da Ermida de São Pio de Pietrelcina
Faxinal do Soturno - Quarta Colônia
Rio Grande do Sul - Brasil

"Tenha Jesus Cristo em seu coração e todas as cruzes do mundo parecerão rosas"
(Padre Pio)

Ano XI - nº 10 – outubro 2014

Faxinal do Soturno – Quarta Colônia

ERMIDA DE SÃO PIO: UM LUGAR DE ENCONTRO COM DEUS

A importância de difundir a devoção a São Pio de Pietrelcina

No dia 23 de novembro de 2014 serão comemorados os dez anos da Ermida a São Pio de Pietrelcina, em Faxinal do Soturno (RS). Esse local de culto e de devoção existe graças a Cláudio A. Casassola, *in memoriam*, e sua esposa Lourdes Pauletto, que sendo devotos de São Padre Pio de Pietrelcina queriam que muitas pessoas pudessem também ser devotos desse santo. Percebe-se nisso, que a devoção não ficou apenas num plano particular ou pessoal, mas passa a ter um caráter comunitário; ou seja, ela se estende a mais pessoas.

A devoção aos santos que permanece numa dimensão apenas particular, pode ter presente um sentimento de egoísmo, ou seja, o devoto dirige-se ao santo pedindo graças para si ou aqueles que lhe são próximos, sem levar em conta as necessidades de outras pessoas ou da comunidade. Já na devoção que se vive no âmbito da comunidade, busca-se o bem da comunidade, o bem não apenas para si, mas também para o próximo.

Prestando atenção na vida dos santos, percebemos que os mesmos chegaram à santidade, não vivendo para si mesmos, de maneira egoísta, mas voltados para as necessidades dos outros, especialmente, pobres, oprimidos e enfermos. Os santos foram pessoas que se puseram a fazer a vontade de Deus, buscando o bem para o próximo.

Padre Pio de Pietrelcina é reconhecido santo pela Igreja, porque não viveu para si mesmo, mas para as pessoas necessitadas de Deus, de paz, de perdão e de saúde. Ele realizou isso celebrando com fervor, especialmente os sacramentos da Reconciliação e da Eucaristia. Através desses sacramentos as pessoas eram libertadas de muitos males e fortalecidas na fé. Nesse sentido, por ocasião da Canonização do Padre Pio de Pietrelcina, no dia 16 de junho de 2002, o Papa João Paulo II dizia o seguinte:

Padre Pio foi um generoso dispensador da misericórdia divina, estando sempre disponível para todos através do acolhimento, da direção espiritual, e sobretudo da administração do sacramento da Penitência. O ministério do confessor, que constitui uma das numerosas características que distinguem o seu apostolado, atraía numerosas multidões de fiéis ao Convento de San Giovanni Rotondo. Mesmo quando aquele singular confessor tratava os peregrinos com severidade aparente, eles, tomando consciência da gravidade do pecado e arrependendo-se sinceramente, voltavam quase sempre atrás para o abraço pacificador do perdão sacramental (PAPA JOÃO PAULO II, 2002).

Portanto, quando cultivamos em nós a devoção a um determinado santo, não devemos pensar só em nós mesmos, em nossas necessidades, e queremos que o santo esteja apenas a nosso serviço, mas devemos, sobretudo, buscá-los como modelos de vida, para realizar a vontade de Deus. E a vontade de Deus é que nós e todas as pessoas tenhamos paz, saúde e todos os bens para vivermos com dignidade. Assim que possamos ter atitudes como a do casal Cláudio A. Casassola e sua esposa Lourdes Pauletto, difundindo a devoção a São Pio de Pietrelcina ou outro santo, para que muitas pessoas possam receber bênçãos e graças através dos santos e tê-los como modelo para suas vidas.

Referência

PAPA JOÃO PAULO II. **Cerimônia de Canonização do Padre Pio de Pietrelcina.** Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/2002/documents/hf_jp-ii_hom_20020616_padre-pio_po.html>. Acesso em: 16 de out. 2014.

*Pe. Jerônimo José Brixner – Responsável pelas atividades religiosas da Ermida.
Vigário Paroquial da Paróquia São Roque de Faxinal do Soturno/RS
e Professor do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina de Santa Maria/RS.*

CAMINHANDO COM SÃO PIO

Para caminhar com São Pio precisa-se conhecer a vida e obra do Padre Pio.

Nesta edição publicamos um acontecimento importantíssimo, da sua vida.

Matéria extraída da internet: Wikipédia.org

O Sudário do Padre Pio

Francisco Cavicchi (1913-2005), um bem-sucedido industrial de Conegliano, Província de Treviso, Itália, filho espiritual de Padre Pio, fez muitas visitas a San Giovanni Rotondo em sua vida, mas duas delas o mar-

caram definitivamente. A primeira foi em fevereiro de 1968, e a segunda em 23 de setembro de 1969, aniversário da morte do Padre Pio. Teria obtido um Sudário dele num lenço? Mas seria possível uma coisa destas? Tentemos explicar com o depoimento do próprio Francisco. Depoimento que, em fins de 1998, ele deu ao jornalista e escritor Renzo Allegri. Estas imagens têm as típicas características do Santo Sudário de Cristo: não foram pintadas, não foram desenhadas, na tela não se encontra nenhum traço de tinta ou de qualquer outra substância. A Ciência deve estar aberta a tudo, e se existe algo estranho, do qual não se conhece a origem, o caminho certo é a indagação”. Fanti usou os meios científicos mais modernos e sofisticados para explicar

o caso, como análises fotográficas no visível, no ultravioleta, no infravermelho, análises químicas, análises no microscópio eletrônico etc. **“A conclusão é irrefutável: Impossível que estas imagens sejam de obra humana”**.

Francisco telefonou, entre setembro e dezembro de 1998, ao jornalista Renzo Allegri, pedindo que fosse visitá-lo. *O Senhor é um jornalista, e escreve frequentemente sobre o Padre Pio. Eu leio seus artigos. Tenho algo muito importante a lhe contar.* E lá se foi Renzo Allegri. Depois de um longo papo, de observar minuciosamente as "imagens-reíquias", etc., registrou os fatos, para publicar um artigo no jornal.

Qual a origem desta imagem?

A história começou em fins de fevereiro de 1968. Visitei o Padre Pio, a quem conhecia e frequentava há muito tempo, para pedir-lhe alguns conselhos. Viajei com meu próprio carro, junto com a esposa e amigos. Mas, chegados a San Giovanni Rotondo, ficamos sabendo que o Padre não estava bem, e por isso não desceu do quarto. Mesmo assim, permanecemos ali por alguns dias... e decidimos voltar para casa.

*Antes de partir, fui até o superior do convento para saber se, por seu intermédio, podia fazer chegar ao padre Pio o meu pedido e obter uma resposta. "Por que não fala diretamente com ele?" – disse-me. – "Encontro-me aqui há mais dias e não o vejo", respondi. "Logo mais ele desce para atender às confissões dos homens" e, abrindo a porta da clausura, indicou-me o lugar do elevador aonde chegaria o Padre. "Aguarde-o aí", disse-me. Eu estava sozinho diante do elevador e andava preocupado. Não sabia de que jeito começaria a falar com o Padre Pio. Ele sempre tinha pouco tempo e, portanto, não podia perder-se em conversas. A agitação me fazia suar as mãos. Tirei do bolso o **lenço** e mantive-o apertado na mão, para enxugar o suor. E o elevador chegou. Ajoelhei diante da porta. No que*

ela abriu, Padre Pio me deu a mão a beijar e disse sorrindo: "Filho, se não levanta, como posso sair?" De fato, eu estava trancando a passagem. Levantei-me. Ele viu o lenço que tinha na mão e o pegou. Logo pensei: "Que beleza! Quando mo devolver, será para mim uma relíquia preciosa". Andando com o Padre, confiei-lhe meus problemas e, como sempre, ele teve respostas imediatas e precisas.

E assim chegávamos à entrada do convento. Fora havia uma multidão aguardando o Padre. Apenas aberta a porta, muitos lhe correram ao encontro para beijar-lhe a mão, para tocá-lo. Num instante, foi engolido pela multidão, e eu parado na porta, observando. Esquecera o lenço, mas o Padre Pio não. Voltou-se para mim e, mostrando-me o lenço, disse: "Ei, e este não vai levar?" "Ah, sim, obrigado".

Fixou-me nos olhos, abriu o lenço, passou-o no rosto, como a enxugar um hipotético suor, que não havia porque era inverno, e mo entregou. Tinha sido um evidente gesto de delicadeza para comigo. Retomando o lenço, eu me sentia profundamente comovido. Entendi que me havia dado um valioso presente.

Percebeu algo de especial naquele lenço?

Nada havia no lenço. Tenho certeza. Tratava-se de um lenço amarrotado, nada mais. Mas tinha estado nas mãos de Padre Pio, que o passou no seu rosto, o que para mim virara uma relíquia excepcional. Chegado ao hotel, contei tudo à minha mulher e também ela sentiu-se feliz por termos esse objeto. Voltando para casa, o guardamos com a maior devoção. Eu o carregava sempre comigo, como um amuleto. Levava-o, dobrado, na lapela do casaco, e mais vezes o mostrava aos amigos, contando a história. Todos o tocavam respeitosamente e, com o passar do tempo, o lenço foi tomando uma cor feia, parecia sujo.

E quando apareceu aquela misteriosa imagem?

No dia 23 de setembro de 1969, primeiro aniversário da morte de Padre Pio, fui de novo a San Giovanni Rotondo, com minha esposa e outros devotos de Padre Pio. Viajamos de noite num ônibus, chegando ao destino às cinco da manhã. Sentia um grande cansaço, muito maior que de costume. Fiquei um pouco na cripta da igreja, rezando junto ao túmulo do Padre Pio, mas logo, não conseguindo vencer o sono, subi até a igreja e sentei num banco à parte, para descansar.

Adormeci logo... e sonhei com o Padre Pio. Vi-o sair do altar-mor e vir na minha direção. Estava sorridente. Chegando na minha frente, com as mãos abriu o hábito mostrando-me a chaga do lado. "Toque-a", disse-me. Eu não queria, temia produzir-lhe alguma dor. Mas ele insistiu; "Toque-a". Pus então os dedos na chaga. Ao retirá-los, notei que estavam sujos de uma espécie de massa branca, grudenta. Instintivamente procurei limpá-los, mas não sabia onde. De repente apareceu um pedaço de tecido branco, uma espécie de lenço, e nele eu limpei os dedos. Aquela massa branca, porém, deixava no lenço sinais pretos. E não sei por que, passando por cima as pontas dos dedos, consegui uma tosca imagem do padre Pio. Procurei ver o frade, mas havia desaparecido (isto em sonho). Naquele momento alguém me acordou. Era minha mulher. "Está muito cansado?" perguntou-me. "Mas deu para descansar um pouco", respondi e acrescentei: "Vou dar uma saída para refrescar o rosto".

No fundo da Igreja havia uma fonte, que depois foi trocada de lugar. Muita gente ia apanhar água para tomar e também por ser considerada como "água de Padre Pio". Aproximei-me, molhei as mãos e o rosto e tirei do bolso um lenço, para enxugar-me. Mas, ao invés do lenço normal, por engano, tirei aquele que o Padre Pio me havia dado. Uma senhora, que estava na minha frente, disse: "Puxa, como está sujo o seu lenço! Quer que o lave?" Olhei o lenço e vi que estava até preto e manchado. "Sim, lave-o", concordei eu. E en-

quanto pronunciava estas palavras admirei-me dessa decisão, porque mais vezes minha mulher pedira para lavá-lo e nunca lhe havia permitido. A senhora aproximou-se e começou a derramar água da sua garrafa sobre o lenço. Eu o esfregava nas mãos. De repente ela começou a gritar: "**Padre Pio, Padre Pio**". "Onde está ele?", perguntei. "Ali, no lenço" disse-me ela, continuando a gritar. Acorreu muita gente. Assustei-me. Um dia antes, uma senhora, que havia gritado na igreja, dizendo ver o Padre Pio nos degraus do altar, fora presa pelos carabineiros e levada à delegacia de polícia. Pus no bolso o lenço todo molhado e me afastei dizendo: "Nada de novo a ver". Refugiei-me na igreja e pouco depois voltei ao hotel.

No lenço via-se o rosto do Padre Pio.

Eu, na verdade, via sinais pretos desconexos, semelhantes aos que parecia ter visto em sonho. Podiam fazer pensar num rosto humano, mas não eram claros. E eu, embora sentindo que algo de misterioso estava acontecendo naquele lenço, não queria me enganar. Por isso não disse nada a ninguém, nem mesmo à minha mulher. Antes de deitar, estendi o lenço sobre a mesinha de cabeceira para que enxugasse. De manhã, durante a Missa, rezei ao Padre Pio que me "fizesse entender" o significado dos sinais aparecidos no lenço. E pedi-lhe também permissão para poder confidenciar com minha mulher o fato. Percebi logo um forte perfume e interpretei-o como permissão para falar com ela.

Enquanto retornávamos ao hotel, contei a ela o que acontecera. Subindo ao quarto, apanhei o lenço e o pus diante dos olhos. "Consegue distinguir alguma coisa?" – perguntei-lhe. "O rosto de Jesus" disse ela. "Nada de Jesus, é do Padre Pio!" retruquei. "Para mim é o rosto de [Jesus](#)". Olhei e me dei conta de haver mostrado à minha esposa uma imagem diferente daquela que eu tinha visto. Virei o lenço, e do outro lado

havia o rosto do Padre Pio, formado por aqueles sinais pretos desconexos, que havia percebido também na tarde anterior, mas agora o rosto aparecia nítido e detalhado. Durante a noite, portanto, haviam-se formado aquelas duas imagens misteriosas, distintas e diferentes, que mostravam, num lado, o rosto de Jesus, e no outro, o do Padre Pio.

Confuso e apavorado, não sabia o que dizer nem o que fazer. Aconselhei-me com alguns religiosos. Todos, vendo a imagem, admiravam-se, mas depois me pediram para manter silêncio. Retornando a Conegliano, procurei meu Bispo e também ele me recomendou silêncio. Temiam que o caso pudesse suscitar fanatismo e atrapalhar a causa da beatificação. E eu obedeci. Guardei sempre escondida esta imagem. Só a mostrava a quem tinha autorização dos [frades capuchinhos](#). Mas agora tenho a permissão de torná-la conhecida. E espero que decidam enfim examiná-la para entender qual é seu valor e seu segredo.

NOTA: Este depoimento (de fatos vividos entre 1968-1969) só foi dado em fins de 1998, portanto, uns 30 anos após. O processo de beatificação do Padre Pio encontrava-se concluído e estava já marcada a data da beatificação (02/05/1999). Não havia mais razão para o silêncio.

Daí o interesse de Francisco Cavicchi de tornar públicos os fatos. Quis valer-se do jornalista Renzo Allegri, especialista para fatos desse gênero e conhecedor da vida do Padre Pio. Esse publicou um artigo sobre o caso, mas mantendo-se, porém, neutro, com um pé atrás.

Francisco Cavicchi era um industrial bem-sucedido em Conegliano. E tinha 85 anos. Em razão de seus méritos, o Presidente da República lhe concedera o título de Comendador. Era um cristão convicto, praticante, tanto assim que fora designado como responsável pelos "[Grupos de Oração do Padre Pio](#)" em sua cidade, cargo

que só se oferecia a pessoas que se distinguissem pela prudência e pela prática da vida espiritual.

Mesmo assim, Renzo Allegri tinha a impressão de que, ao menos em parte, isso fosse fruto de fantasia. Uma história desconcertante, ou incrível. Francisco Cavicchi morreu em 2005, aos 92 anos. E o famoso lenço foi confiado a uma comunidade de frades, e lá, a certa altura, decidiram submeter as imagens ao exame de um perito.

Dirigiram-se ao professor Júlio Fanti, da [Universidade de Pádua](#). Fanti é docente de "Medidas Mecânicas e Térmicas" no Departamento de Engenharia Mecânica da dita Universidade, um cientista notável, que participou na organização de diversos empreendimentos espaciais dos [Estados Unidos](#). Mas é também um perito do santo sudário, sobre o qual fez importantes pesquisas, escreveu livros, e é um estudioso daquelas imagens misteriosas, ditas "*acheropite*", palavra que significa "não feitas por mão humana".

Fanti estudou o caso com a maior seriedade, chegando a conclusões que verdadeiramente possuem algo de incrível. "*As duas imagens que aparecem no lenço não têm explicação científica e, portanto, não são obra humana. Apresentam ademais as típicas características do Santo Sudário: não foram pintadas, não foram desenhadas, na tela não se encontra qualquer traço de tinta ou de outra substância. A Ciência deve estar aberta a tudo e, se existe um objeto estranho do qual não se conhece a origem, o caminho certo é indagá-lo*".

Fanti usou dos meios científicos mais modernos e sofisticados para explicar o caso, como análises fotográficas no visível, no ultravioleta, no infravermelho, análises químicas, análises no microscópio eletrônico etc. "**A conclusão é irrefutável: é impossível que estas imagens sejam de obra humana**" – concluiu ele.

A PALAVRA DO PASTOR

UMA LUZ QUE BRILHA: PAULO VI

No Domingo, dia 19 de outubro, conclusão do Sínodo Extraordinário sobre a Família, o Papa Paulo VI será beatificado em Roma. Foi o grande defensor da vida.

No dia 06 de agosto de 1978, Domingo da Transfiguração do Senhor, o Papa Paulo VI retornava para a casa do Pai. Um místico do Islã falou sobre a morte de Paulo VI: “O Mensageiro de Deus subia todos os dias o monte santo, mas ontem, festa do monte santo, Deus lhe disse: ‘Não desça mais até aos homens, mas permaneça aqui, na luz, comigo’”.

Após sua eleição como Sumo Pontífice no dia 21 de junho de 1963, o Papa Paulo VI escreveu: “A luz do castiçal queima e se consome sozinha. Mas tem uma função, a de iluminar os outros, a todos, se possível”. Ele, o Papa “perito em humanidade”, seria aquela luz que brilha no cume da montanha e é sempre atual em seus ensinamentos.

Paulo VI se distinguiu como uma pessoa altamente contemplativa. A oração era o húmus que tornava o solo fértil, onde crescia sua vida e ministério. Amou muito a Mãe de Deus. Em 21 de novembro de 1964, no contexto do Concílio Vaticano II, proclamou Maria “Mãe da Igreja”, provocando o consentimento dos Padres conciliares, que se levantaram espontaneamente para aplaudir.

Os problemas que o perseguiam e que se abatiam sobre os seus ombros, os problemas da Igreja e do mundo, o sofrimento do indivíduo e da humanidade, eram enfrentados por ele com um forte senso de responsabilidade e dever, sempre com conhecimento e lucidez corajosos, com uma fé como rocha, inabalável e à luz da esperança cristã” (Pe. A. Lanzoni, in ZENIT, 7/9/2014).

Quando o Patriarca de Constantinopla, Atenágoras, se encontrou com Paulo VI na Terra Santa, no dia 05 de janeiro de 1964, não hesitou em chamá-lo de “Paulo II” pela sua forte afinidade com o apóstolo dos gentios. Chamou-o também de “primeiro Papa moderno”.

Uma pessoa muito próxima de Paulo VI sintetizou sua vida: “Posso confirmar sua característica de ser sempre servo. Servo de Cristo e do homem; servo no Concílio Ecumênico Vaticano II e no compromisso de sua execução; constante servo, ousado e prudente na atualização da Igreja; servo nas viagens apostólicas, no compromisso com a paz, na tensão ecumênica; servo na defesa da fé pela solene profissão de fé conhecida como o ‘Credo de Paulo VI’; servo em suas encíclicas, nos discursos, em todo o seu magistério; humilde servo, sempre disponível e generoso em suas obras de caridade”.

A luz da lâmpada de Paulo VI que se apagou no dia 06 de agosto de 1978, Festa da Transfiguração do Senhor, continua a brilhar sobre o monte e sobre toda a humanidade.

+ *Hélio Adelar Rubert - Arcebispo Metropolitano de Santa Maria/RS.*

Amigos - Desejamos a todos um ótimo mês, lembrando esta frase de São Pio:

"Louve somente a Deus e não aos homens."

FALE CONOSCO:

A Voz da Ermida é um boletim informativo das atividades da Ermida de São Pio de Pietrelcina e também de divulgação da palavra de Jesus e da devoção a São Pio.

Mande seu depoimento e sugestões.

Nosso contato é pelo site: www.saopio.com.br e pelo e-mail: ermida@saopio.com.br

A Voz da Ermida é editada pela Associação São Pio de Pietrelcina.

ATIVIDADES DA ERMIDA:

Todos os 2º e 4º domingos do mês:

15 h – Reza do Terço

15 h 30 min – Celebração Eucarística

Ermida São Pio
ASSOCIAÇÃO SÃO PIO DE PIETRALCINA
Cerro Comprido, Faxinal do Soturno, Quarta Colônia, RS, Brasil
www.saopio.com.br - ermida@saopio.com.br